

## INCÓGNITAS DIVINAS!

Duas são as criações que sempre me despertaram grande interesse, o Homem e o Tempo; as considero duas das mais intrigantes Incógnitas Divinas. De Deus, os dois segredos não revelados.

O Homem, o animal. O Tempo, a fictícia noção de passado e presente; juntos, um romance de vida. Este conceito norteou os meus dropes e norteia há muito a anterioridade lógica da minha vida. Pergunto, se você é quem escreve o seu próprio romance, por que não fazê-lo diversificado e divertido?

Quando me refiro a alguém no Tempo, refiro-me não a pessoa, mas ao seu romance.

Apoiado neste costume saio à procura do romance do Cônego Dr. Manoel Pereira Borges, autoridade máxima em "coisas do espírito" de Italiápolis por um longo período. De 1.912 a 1.933, portanto, mais de 20 anos de paroquiamento.

Como um douto paroquiou por todo esse tempo uma população religiosa e em tão pouco tempo foi esquecido? Incógnita divina ou segredos não revelados?

As fontes pesquisadas foram muitas, porém os informes raríssimos. Em 1.934, quase um ano após a morte do Padre Borges, o Conselheiro Municipal Júlio da Silveira Sudário prestou-lhe justa homenagem propondo fosse dado "a quadra baldia defronte da Matriz o nome de Praça Cônego Borges".

Relatando algumas passagens do Padre, disse-me certa vez o Prof. Júlio, com ar de gozo --- a nossa consideração com o padre, minha e do Brandão, cedo foi água abaixo. Ali! ... Só mesmo Feira Livre e a Escolinha da Dona Mazé. Essa Praça da Matriz será sempre um "berço de Homero".

O pressentimento do Conselheiro Sudário se concretizou. Reservou-se ao Cônego Borges o campo de batalha da Justiça Italiapolitana, um espaço ao choro e ao ranger de dentes. Não haveria melhor forma para uma sutil desforra, uma grosseira 'vendetta'. Os nossos 'romances históricos' estão cheios de maldosas sutilezas.

Por algum motivo esqueceu-se o "romance do cônego" em uma gaveta escura de nossa Tradição. Ler páginas de romances abandonados, descobrir razões e justificá-las, é tarefa para almas garimpeiras.

O que tenho encontrado com relação a esse padre português? Repetidos e disfarçados elogios como "muito erudito, sempre disposto a ministrar aulas a quem lhe

pedisse ... Era calado, simples e modesto". Se comparado ao calabrés Padre Tarallo, o Cônego Borges não seria se não um acadêmico coroinha! Certamente que há coisas não anotadas ou mal esclarecidas.

O Padre Borges não fez igreja, não ordenou disparos, não se dispôs com a maçonaria e, sobretudo, não desafiou a 'calabresa máfia italiapolitana'. Cuidou das almas em sofrimento, aconselhou com ponderação, ensinou os Sacramentos, foi zeloso servidor das coisas de Deus. Não seria isso o bastante para ser esquecido?!

Ouvi de um imigrante italiano, há muitos anos, um depoimento que deu bem idéia da largueza de espírito desse padre. Um recém-nascido, não suportando a violência do parto, estava para morrer.

O pai, morador da Zona Rural, procurou pelo Padre Borges numa Segunda-feira, dia do descanso da Casa Paroquial.

Encontrou o religioso em uma rede, no quintal, repousando. Interpelado o cônego negou-se a atender o pedido do colono, porém lhe deu uma aula sobre os Sacramentos de Iniciação. Vá e batize o seu filho, disse o padre; diante de Deus somos iguais.

Nunca dê de seu peixe, mas ensine com paciência e carinho como pescar. Desse modo o Padre Borges batizou, não apenas a criança, mas também o pai a quem passou toda a Eucaristia. A criança sobreviveu e a família sentiu na lição o Milagre da Inteligência.

Hoje foi um dia especial, pois conversei por bom tempo com a Sra. Nella Pezzinatto, imigrante italiana, nascida em Vêrona e que chegou a Italiópolis de 1.909. O seu casamento com o Sr. Victorio Cavicchiolli aconteceu em 12.12.1.925, tendo como celebrante o Cônego Dr. Manoel Pereira Borges. Bati à porta certa!

A Dona Nella talvez seja, senão a última, uma das raras remanescentes italianas que conviveu a época e conheceu pessoalmente o “Padre Manoel”. Observei que ao falar do padre, o que fez por várias vezes e com muito respeito, usou da expressão “Padre Manoel”. Esta teria sido a forma comum de tratamento da população ao se dirigir ao Religioso.

O Cônego “sempre se vestia de roupa preta com um colarinho branco e bem engomado. Era um homem alto, de boa aparência e muito calmo no falar, mas do que ele falou no casamento não entendi nada; ele falava numa língua estrangeira, a língua da Terra dele”.

Da língua falada na Vila e do número de casas existentes no ano de seu casamento, a Dona Nella disse-me com segurança que “se falava o mantuano e casas de morar quase nenhuma, algumas, mais ao redor da igreja e só ... a riqueza da Vila estava no povo das fazendas”.

Esta senhora não deixou de se referir ao carisma do “Padre Manoel”. Citou casos de “assistência espiritual” e da sua maneira de exorcismar “criaturas desesperadas”.

## Italiápolis Novela de Costumes

---

A quem recorrer nos casos da psicose-maniaco-depressiva? Ao Padre Manoel! A sua fama foi longe, longe demais e o respeito se transformou em medo.

Da Europa para Italiápolis --- 1.912 a 1.933 ---  
um castigo do Tempo para o Homem remir seu romance 'A Solidão'.